

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA  
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA

Oswaldo Vila Nova

**COMPORTAMENTO MALANDRO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA:  
OBSERVAÇÕES DA PERSONAGEM BENEDITO NA PEÇA CASAMENTO DE  
BRANCO DE ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL**

Maceió – Alagoas

2022

Oswaldo Vila Nova

**COMPORTAMENTO MALANDRO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA:  
OBSERVAÇÕES DA PERSONAGEM BENEDITO NA PEÇA CASAMENTO DE  
BRANCO DE ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL**

Trabalho de conclusão de curso de Teatro  
Licenciatura da Universidade Federal de  
Alagoas como forma de obtenção do título de  
licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Gomes Cabral Filho

Maceió – AL

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES - ICHCA CURSO DE TEATRO LICENCIATURA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

Aos 24 dias do mês de fevereiro do ano de 2022 às 16h30, realizou-se nas dependências do Curso de Teatro Licenciatura desta Universidade a sessão de apresentação do trabalho de conclusão de curso – TCC – intitulado **COMPORTAMENTO MALANDRO COMO ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA: OBSERVAÇÕES DA PERSONAGEM BENEDITO NA PEÇA CASAMENTO DE BRANCO DE ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL** do(a) aluno **Oswaldo Vila Nova**, matrícula 17111342 do Curso de Teatro Licenciatura como parte dos requisitos para conclusão do curso. A banca composta por: Prof. Dr. Otávio Gomes Cabral Filho (Orientador), Profa. Dra. Ana Flávia de Andrade Ferraz (membro), Profa. Me. Madileide de Oliveira Duarte (membro). Após arguir o aluno deliberou: Aprovar o projeto, atribuindo-lhe nota 10 (dez).

Observações \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinaturas dos componentes da banca

\_\_\_\_\_ (orientador)

\_\_\_\_\_ (membro)

\_\_\_\_\_ (membro)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao amigo e prof. Dr. José Acioli da Silva Filho (*in memoriam*), cujos ensinamentos ao longo do curso e na vida prática são motivos para esta elogiosa dedicatória.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus.

Agradeço a minha família: Beatriz e Marcos.

Ao prof. Orientador Dr. Otávio Cabral e a banca, especialmente a profa. Me. Madileide Duarte.

E aos amigos Roberto Amorim e Joabson Lima que me incentivaram nesses tempos tão difíceis.

## RESUMO

Esse estudo fez uma análise crítica do comportamento da personagem Benedito da peça teatral Casamento de Branco, ano de 1965, de autoria do alagoano Altimar de Alencar Pimentel sob a ótica da Dialética da Malandragem de Antônio Cândido. Nessa pesquisa observamos o comportamento da personagem Benedito como estratégias da malandragem para subverter a ordem posta numa sociedade, em que Benedito não tem voz. Utilizamos a crítica literária de Antônio Cândido (Dialética da Malandragem) como metodologia para esta análise, considerando pertinente ao campo de estudo do teatrólogo Altimar Pimentel. No diálogo entre o teatro de Altimar e a literatura, acreditamos estabelecer uma linha de raciocínio apropriada a nossa compreensão de como se dão as formas de convivência e superação estabelecidas na sociedade em determinada época.

**Palavras-Chave:** Casamento de Branco. Personagem Benedito. Dialética da Malandragem.

## ABSTRACT

This study made a critical analysis of the behavior of the character Benedito from the play *Casamento de Branco*, in 1965, by Altimar de Alencar Pimentel from Alagoas, from the perspective of the Dialectic of Malandragem by Antônio Cândido. In this research we observe the behavior of the character Benedito as trickery strategies to subvert the order placed in a society, in which Benedito has no voice. We used Antônio Cândido's literary criticism (Dialectics of Malandragem) as a methodology for this analysis, considering it pertinent to the field of study of the playwright Altimar Pimentel. In the dialogue between Altimar's theater and literature, we believe to establish a line of reasoning appropriate to our understanding of how the forms of coexistence and overcoming established in society at a given time take place.

**Keywords:** White Wedding. Character. Benedito. Dialectic of Trickery.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A INCANSÁVEL E PRODUTIVA VIDA, E A VALOROSA OBRA DE ALTIMAR PIMENTEL NO TEATRO, NA LITERATURA E NA CULTURA POPULAR	8
1.1. A obra teatral Casamento de Branco de Altimar de Alencar Pimentel	13
1.2. A importância da personagem Benedito para o Teatro e a Literatura Dramática	16
2. A DIALÉTICA DA MALANDRAGEM DE ANTÔNIO CÂNDIDO	18
2.1. A ordem e a desordem como determinantes do comportamento malandro	21
3. DIÁLOGO ENTRE O COMPORTAMENTO DA PERSONAGEM BENEDITO COM A DIALÉTICA DA MALANDRAGEM	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5. REFERÊNCIAS	31

### ANEXO:

1. PEÇA CASAMENTO DE BRANCO – ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL

## INTRODUÇÃO

Este estudo é uma análise do comportamento da personagem Benedito na peça teatral “Casamento de Branco” de autoria do alagoano Altimar de Alencar Pimentel sob o olhar do ensaio “Dialética da Malandragem” do crítico literário Antônio Cândido. Procuramos nesta pesquisa observar o comportamento de Benedito, e a partir daí dialogar com a reflexão de Antônio Cândido numa tentativa de inserir nosso objeto de pesquisa na categoria malandro preconizada pelo crítico literário.

A escolha desse estudo se deu inicialmente pela curiosidade sobre as obras de Altimar e depois pela perplexidade ao saber que ele é alagoano, de Maceió, e que, apesar de ter contribuído e construído todo o seu repertório literário e cultural na Paraíba, o mesmo merece maior visualização de sua obra no meio teatral e literário alagoano, tendo em vista a importância de sua obra na literatura, teatro e cultura popular do Brasil.

Na Capítulo 1 apresentamos “A incansável e produtiva vida e a valorosa obra de Altimar Pimentel no teatro, na literatura e na cultura popular”. São reveladas nesta seção, sua trajetória em vida e obra, conforme acesso a pesquisas bibliográficas de outros autores e do próprio autor em entrevistas, livros e revista póstuma sobre ele.

Na Capítulo 2 trataremos acerca do ensaio literário de 1970, “Dialética da Malandragem” de Antônio Cândido, no qual analisa a partir do livro de Manoel Antônio de Almeida, “Memórias de um Sargento de Milícias”, a personagem Leonardo Filho, definindo a partir dele o perfil de malandro na literatura. Esse malandro se faz de ingênuo (tolo) embora aos olhos da sociedade da época seja visto como antiético e/ou amoral, ele mantém-se numa tentativa de se estabelecer como igual, socialmente.

Na Capítulo 3 faremos o “Diálogo entre o comportamento da personagem Benedito com a Dialética da Malandragem”, será exposto o que Antônio Cândido analisa na Dialética da Malandragem comparando com as especificidades semelhantes ao comportamento da personagem Benedito na peça Casamento de Branco de Altimar de Alencar Pimentel.

Sendo assim, acreditamos que esta monografia traga contribuições interdisciplinares inerentes aos estudos do Teatro, da Literatura, Cultura Popular e Ciências Sociais. Aqui, também esperamos fazer uma aproximação e reconhecimento da obra e legado do alagoano teatrólogo Altimar de Alencar Pimentel.

## **1. A INCANSÁVEL E PRODUTIVA VIDA, E A VALOROSA OBRA DE ALTIMAR PIMENTEL NO TEATRO, NA LITERATURA E NA CULTURA POPULAR**

O alagoano Altimar de Alencar Pimentel nasceu em 30 de outubro de 1936 em Fernão Velho, Maceió/Alagoas, onde iniciou seus estudos. Filho do comerciante Altino de Alencar Pimentel (alagoano) e de Maria das Neves Nunes Batista Pimentel (paraibana). Seu pai faleceu quando tinha 9 anos e foi o primeiro dos seis filhos do casal. O viés artístico e a sua formação na cultura popular vêm da convivência diária com seus pais. Em entrevista<sup>1</sup>, Altimar diz: “na minha infância vendi folhetos de cordel com meu pai. Minha mãe foi a primeira mulher a escrever folhetos: adaptou “*O corcunda de Notre-Dame*”, de Victor Hugo, e “*O violino do Diabo*”, de Enrique Perez Escrich, para o cordel” (Revista Moringa, 2007, p. 255).

Em 1952 mudou-se para João Pessoa, cidade natal de sua mãe. Na Paraíba concluiu o antigo ginásio e o antigo clássico no Liceu Paraibano (Colégio Estadual da Paraíba). Foi aprovado aos 23 anos em concurso público para conferente em Cabedelo e no ano seguinte (1957) foi premiado com o primeiro lugar com o estudo “O diabo no conto popular brasileiro” no concurso promovido pela Comissão Nacional de Folclore do IBECC. Dois anos depois entra para política como vereador na cidade de Cabedelo, e ao final do mandato abandona a política em 1963. Sendo que em 1960 casa-se com Elenilde Souto Maior Figueiredo com quem teve os filhos: Tatiana (economista), Altino (advogado) e Hilda (licenciada em Letras e informática).

Em 1963 participa do Conselho Estadual de Cultura da Paraíba. Em 1964 publicou na Revista Brasileira de Folclore, no Rio de Janeiro, “Três peças de João Redondo”. Já em 1965, publica “Casamento de Branco” e apresenta pela Juventude Teatral de Cruz das Armas, com direção de Elpidio Navarro. Em 1966 é premiado em primeiro lugar com o “Auto dos Caramurus” no concurso sobre folclore paraibano promovido pelo Departamento de Cultural da UFPB e publica “O Côco Praeiro”. Em janeiro de 1967, Altimar Pimentel assume o cargo de Diretor do Theatro Santa Roza em João Pessoa e é nomeado Diretor do Departamento de Extensão Cultural do Estado da Paraíba, acumula também o cargo de Diretor do teatro e o cargo de Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular da Universidade Federal da Paraíba, além do de diretor da Rádio Correio da Paraíba. Neste

---

<sup>1</sup> “A lição do povo levada ao palco”, entrevista de Altimar de Alencar Pimentel a Glória Rabay e Ana Lúcia Toledo com participação de Antônio Vicente Filho em 1980, acesso através da Revista Moringa em 2007.

mesmo ano ganha em primeiro lugar com “A sombra da Caiçara”, o concurso sobre folclore paraibano, e com “Auto de Cobiça” recebe menção honrosa pelo Serviço Nacional do Teatro. Publica a plaquete “João Redondo, Teatro do Povo”, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFPB. Em 1968 com a peça “A Construção”, Altimar ganha o segundo lugar no concurso de peças teatrais do SNT. O Grupo de Arte Dramática do Theatro Santa Roza encena “Auto de Maria Mestra”, de Altimar, e ganha no I Festival Nacional de Teatro Amador do estado da Guanabara os prêmios de melhor autor, melhor direção, melhor música e cenografia. Altimar publicou a segunda edição de “O Côco Praieiro” pela Editora Universitária/UFPB e se torna sócio na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), Rio de Janeiro. Em 1969, Altimar Pimentel transfere-se para o Rio de Janeiro onde assume a Assessoria Cultural do Instituto Nacional do Livro e participa como secretário do Conselho Consultivo de Alto Nível do INL. O Grupo A Comunidade encena “A construção” no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro com direção de Amir Haddad que ganha prêmio Molière pela encenação. A peça nas mãos de Amir entrelaça as perspectivas regionalistas e modernistas, dando ao Brasil um novo panorama de teatro internacional, a partir de texto de Altimar. São publicadas: “Auto de Cobiça” e “A Construção” pelo SNT, n.370, (Rio de Janeiro), e publica também “Auto de Cobiça” pela revista de teatro SBAT e “O Diabo e Outras Entidades Míticas no Conto Popular” que reúne as monografias: “A sombra da Caiçara” e “O Diabo no conto Popular Paraibano” (Brasília), e publica artigo “A Busca de um Sentido Nacional” na revista Dionysos, n.17, ano XIV e “Ritual de Fogo no Carnaval do Nordeste” e “As Imagens da Vida no Teatro Popular do Crato” na revista Vozes, n.10. Rio de Janeiro.

Em 1970 publica artigo “Mineiro pau, uma dança dramática?” na Revista Brasileira de Folclore. O Grupo Oficial do Theatro Santa Roza encena “Viva a Nau Catarineta”, participa do I Festival de Teatro Amador de São Carlos em São Paulo e apresenta-se no Rio de Janeiro no convidado pelo Conservatório Nacional de Música. Publica “A Construção” em Revista de Teatro do SBAT. Concluiu o curso em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal da Paraíba em 1971 e neste mesmo ano foi premiado como melhor autor nacional do VI Festival Nacional de Teatro de Estudantes em Aldeia, Arcozelo no Rio de Janeiro com a peça “Pedro Corredor”, participa do II Festival de Teatro Amador de São Carlos em São Paulo e publica “O mundo mágico de João Redondo”, pelo SNT (Rio de Janeiro), e profere palestra “Aspectos do folclore paraibano”. Em 1973 publica “Literatura de

Cordel I: origens e formas”; “Literatura de Cordel II: temas” e “Literatura de Cordel III: ciclos”. Em 1974 publicou João Redondo na Revista Brasileira de Folclore em Brasília, recebe Menção honrosa pela Secretaria de Educação e Cultura de Goiás com o trabalho “Uma dança de Umbigada” e no seguinte ano, recebe o “Prêmio Oduvaldo Vianna Filho” no concurso de peças teatrais do Teatro Opinião no Rio de Janeiro, com a peça “Jornada do Medo” que é intitulada depois como “Cemitério das Juremas”. Recebe menção honrosa em concurso de Dramaturgia promovido pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul com a peça “A última lingada”, foi jurado do I concurso universitário de peças teatrais no Rio de Janeiro, promovido pelo SNT e ensina Educação Artística em Cabedelo e no Colégio Estadual de João Pessoa.

Em 1976 Altimar conclui o bacharelado em Comunicação Social com habilidade para o Jornalismo pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília. Publica: “A sagração do herói”, “O Romanceiro Padre Cícero” e “Estórias da Boca da Noite” em Brasília. Profere a palestra “As Dimensões do Sertão na Literatura de Cordel” e recebe medalha pelo Grupo Teatral Raul Prysthon. Foi jurado no I concurso paraibano de peças teatrais na Paraíba e também no IV Concurso Nacional de violeiros em Campina Grande e dirigiu a peça “Incelença” para o Grupo Espelho, de Brasília. Foi responsável pelo registro de espetáculos, em Brasília para o Projeto Memória do Teatro Brasileiro desenvolvido pelo SNT no Rio de Janeiro.

Em 1977 volta a morar em João Pessoa e publica “Saruã, Lendas das Árvores e Plantas do Brasil”, ministra a disciplina Evolução do Teatro e Dança no curso de Educação Artística na UFPB e ensina no Curso de Aperfeiçoamento em Teatro de Bonecos no Recife. Profere a palestra “A Demonologia no Teatro Nordestino” no II Festival de Verão em Areias na Paraíba, publica os artigos: “Bumba Meu Boi: uma Proposição Teatral”, “A Vida de Cão do Herói Diabo” e “Sinais de Chuva pro Sertão” no Jornal “A União”, em João Pessoa. Os dois últimos artigos são publicados também em Brasília. Profere a palestra “O Teatro Popular de Fantoques da Paraíba” no II festival de inverno de Campina Grande e a palestra “O Mundo Mágico de João Redondo” no I Encontro de Teatro Popular de Fantoques da Paraíba, “Aspectos da Literatura de Cordel” na I Semana de Estudos Literários, “Bumba Meu Boi: uma Proposição Teatral”, “O Conto Popular na Paraíba” e publica “Coiteiros” (em co-autoria com Elpídio Navarro Pedro Santos) e “A Última Lingada”(Rio de Janeiro). As obras “Auto de Cobiça”, “A construção” e “O Mundo Mágico de João Redondo” são citados na conferência sobre o teatro nordestino em Madrid/Espanha pela professora Regina Igel.

De 1977 a 1979 Altimar assume a Assessoria Cultural da Pró-reitoria de Assuntos Comunitários da UFPB. Ele implanta o Curso de Comunicação Social na UFPB. Em 1978 cursou especialização em Direção Teatral pela UNIRIO, publica “Barca da Paraíba” pela FUNARTE/RJ. Encena “Cemitério das Juremas”, “Casamento de Branco” pelo Teatro Experimental de Cabedelo (TECA). Dirige “As aventuras de um Diabo Malandro” de Maria Helena Kuhner, para o TECA e o “Auto de Maria Mestra” para a UFPB. Publica o artigo “O Herói Demoníaco”, pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do CCHLA/UFPB. Em 1979 profere as palestras: “O Folclore de Cabedelo”, “O Teatro e as Formas Dramáticas Populares do Nordeste” (Salvador/Bahia). Profere as palestras: “Virginius da Gama de Melo e o Romance Político”, “O Teatro e a Realidade Nordestina”, “Adramaturgia Nordestina”, “A Literatura de Cordel e a Tradição Ibérica”, e “Considerações Sobre o Teatro Popular de Fantoches do Nordeste”. É criado em Natal/RN o troféu Altimar Pimentel. Ensina Introdução às Técnicas de Comunicação na UFPB, publica o artigo “Ex-votos: uma Realidade do Catolicismo Popular” (UFPB), é membro do Concurso Marechal Rondon e dirige: “Viva a Nau Catarineta”, “Auto de Maria Mestra” e “Cemitério das Juremas”.

Ao iniciar a década de 1980 Altimar Pimentel se transfere para Brasília para assumir a função de assessor administrativo na Câmara Federal, profere a palestra “A Dramaturgia Nordestina”. Publica “Sol e Chuva, Ritos e Tradições”, “Catálogo Prévio do Conto Popular da Paraíba”. Em 1981 escreve a peça “Animal Acuado” e “Lixo industrial”. Em 1982, publica e ganha prêmio com a peça “Alamoia”. Em 1983 publica “Teatro Arbitrário” e profere palestra sobre folclore em Brasília. Em 1984 é debatedor em mesa redonda em Sergipe, profere a palestra A fixação do texto dos contos populares. Já em 1985 volta à coordenação do núcleo de pesquisa e documentação na UFPB. Em 1986 é reconhecido como melhor autor no II festival de São Mateus no Espírito Santo, profere palestra “O Mundo Mágico de João Redondo”, no Centro Cultural em São Paulo. Profere palestra “O Teatro de Fantoches no Nordeste” e oficializa seu casamento com Cleide Rocha da Silva Pimentel. Em 1987 foi redator do jornal A Tribuna, de João Pessoa. Publica “Estórias de Cabedelo” em Brasília, e na França “O Auto do Boi na Paraíba” na revista Caravelle, n. 48 pela Universidade de Toulouse – Le Mirail/CNRS (p.37-48). Foi debatedor no Seminário “A Literatura Latino-Americana” em Brasília. Em 1988 publica “Flor do Campo” no livro “Questão Agrária – Três Conflitos”, e publica a peça “Jacinta” em “Duas comédias e um Drama Histórico” no Rio de

Janeiro. Encena A Última Lingada pelo TECA sob a sua direção e em 1989 dirige “Romance da Fortaleza de Santa Catarina”.

Altamar inicia a década de 1990 recebendo “Mención” argentina com o livro “Estórias de São João do Sabugi” publicado no mesmo ano em Brasília. Para os jurados “a excelente recopilación de relatos y cuentos com Bueno apoyo técnico científico y comentarios de investigación comparada” e logo depois publica “Incantation – popular saties from Nordheasten”, em Miami nos Estados Unidos da América. Dirigiu as peças: “Quem Estiver Achando Ruim, Saia” e “Ceia de Natal”. Em 1993 dirigiu “Alamoia” em Cabedelo. Em 1995 profere a palestra “O Teatro e a Cultura Popular” em Sergipe e “O Negro na Literatura de Cordel”, em Recife. Publica “Estórias do Diabo” e “Estórias de Luzia Tereza”, vol. I. É expositor no 8º Congresso Brasileiro de Folclore e profere a palestra “A Necessidade do Conto Popular”. Em 1995 publica o estudo “O Conto Popular no Distrito Federal” no Rio de Janeiro e publica o artigo “Sauver la voix du peuple” na revista Decouverte du Monde de Langue Portugaise, Lyon/França. Em 1997 publica Como Nasce um Cabra da Peste. Profere a palestra “As Rondas como Forma de Aprendizado” no Chile. Profere a palestra “Conto Popular no Brasil” no Recife. Em 1998 publica o estudo “O Conto Popular no Distrito Federal” e o estudo “Diálogos Nuestro America”, em Natal. Profere a palestra “O Pacto Fáustico no Conto Popular Brasileiro” em São Paulo. Dirige a peça “Viva a Nau Catarineta”, e ganha prêmio como melhor texto original em São Paulo.

Em 2001 publica “Estória de Luzia Teresa” Vol. II e III e “Cabedelo” Vol. I. Tem seu livro “História do Diabo” adaptado para o programa “Brava Gente”, da Tv Globo, sob o título “O Diabo Ri por Último”. Em 2002 publica Cabedelo Vol. II e tornou-se sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Em 2003 participa em Maceió do “2º Festival Nacional Todos Verão Teatro” e desenvolve a palestra “A Dramaturgia Nordestina e Suas Raízes Populares”. Publica Teatro de Raízes Populares Vol. I. Escreve “Igreja de Nossa Senhora de Nazaré da Praia do Almagre” e “Teatro Brasileiro de Raízes Folclóricas e Populares”. Em 2004 publica em co-autoria com Cleide Rocha de Alencar Pimentel “Esquindô-lê-lê: Cantigas de Roda” pela UFPB, e “Barca, Boi de Reis”, “Côco de Roda”, “Ciranda de Adultos”, “Lapinha” e “Fandango”, na Paraíba. Profere palestra “Caminhos e Descaminhos da Dramaturgia Nordestina” na Academia Alagoana de Letras, em Maceió. Em 2005 publica “Teatro de Raízes Populares 2”, “Igreja de Nossa Senhora de Nazaré da Praia do

Almagre” e “Wilson Braga: 50 anos de vida pública”. Em 2006 publica mais uma vez “Flor do Campo”.

Morre o pesquisador, professor, diretor de teatro, dramaturgo, folclorista, escritor e jornalista Altimar de Alencar Pimentel, aos 72 anos, em 21 de fevereiro de 2008, no Hospital da Unimed em João Pessoa, tendo como causas de sua morte complicações renais. Deixou inéditas as seguintes obras: “Encontro de Homens do Fumo com a Mulher do Tabaco”; “Quero-Quero só com a Noite”, “Ceia de Natal”, “Natal em Família”, “Presente de Papai Noel”, “Mesmo sem Mistura”, “Na Selva Escura”, “A Escada de Jacó”, “O Preço” e “Acalanto para Luiz”.

Como observamos o alagoano Altimar de Alencar Pimentel deixou um extenso legado recheado de inúmeros prêmios, codecorações e menções. Merecidas honras por uma obra de tamanha qualidade comparada a de Luiz Marinho e a de Ariano Suassuna, pela professora da Université Paris Quest – Nanterre La défense, Idellete Muzart Fonseca dos Santos.

De acordo com Elvira D’Amorim (2007, p. 85)<sup>2</sup>a cronologia de vida e obra de Altimar é merecedora de vários estudos. Aqui procuramos de algum modo tratar nestas poucas páginas, sua dedicação e amor, sua valorosa obra no campo do teatro, da literatura, da cultura popular que ele produziu.

### **1.1 A obra teatral Casamento de Branco de Altimar de Alencar Pimentel**

Embora sejam inúmeros os artigos e publicações a respeito das obras de Altimar Pimentel, inclusive da obra em estudo, Casamento de Branco, aqui se faz necessário mais algumas informações a respeito desse espetáculo.

A peça teatral Casamento de Branco foi publicada por Altimar em duas versões 1965 e 1983, segundo ele mesmo, como uma transposição de João Redondo, e encenada no mesmo ano pela primeira vez pela Juventude Teatral de Cruz das Armas com a direção de Elpidio Navarro. Em resposta a pergunta realizada pela Revista Escridura Teatral, numa entrevista em 1980, com relação a sua participação no Movimento da Cultura Popular (MCP), ele responde:

Não, mas sempre estive ligado a essas coisas todas. O teatro de João Redondo era todo em cima disso, da terra. Da luta de classes. Casamento de Branco mostra tudo isso: uma família rural em decadência, o herói é um preto que só estuda na base do cacete, isso na primeira fase. Na segunda, eu já procurei dar a ele um cunho mais

---

<sup>2</sup> D’AMORIM, Elvira. Apresentação Um homem e seu mundo: caleidoscópio de um teatro. In: Revista Moringa: teatro e dança. Ano 2, n. 3, dez 2007. Editora da Universidade Federal da Paraíba, p. 81-89.

corajoso e ardiloso, numa linha de pícaro tradicional que além de valente é ardiloso e sagaz (Revista Moringa 2007, p. 257).

O texto escolhido para essa análise, Casamento de Branco, se refere ao publicado no livro Teatro de Raízes Nordestinas publicado em 2003, pelo autor Altimar de Alencar Pimentel. A escolha se deu por ter sido o primeiro texto que tivemos acesso da bibliografia desse autor, e por entender que faz uma relação com a obra de Antônio Cândido, Dialética da Malandragem. Como já falamos, a primeira versão de casamento de Branco foi escrita em 1965, sendo o ensaio da “Dialética da Malandragem”, de Antônio Cândido, escrita em 1970. Apesar de se tratar de tipos textuais diferentes, fomos estimulados também pela proximidade de tempo de escrita de um texto para o outro. Observamos que ambos os literatos tiveram o mesmo olhar para as questões sociais da época.

Nesta versão que trabalhamos temos como personagens: Benedito (vaqueiro), Maroca (empregada), Doutor João Formiga (Patrão), Rosinha (esposa do patrão), Jacira (filha do patrão), Paulo (coletor, apaixonado de Jacira), Carlos Alberto (noivo da filha), Mané Raizeiro e Porrote (empregado). Na outra versão as personagens foram rebatizadas por Altimar e o texto sofreu algumas alterações.

Casamento de Branco revela a grande paixão de Altimar pelo Teatro de raízes populares, nela ele expõe a realidade da sociedade nordestina e brasileira sem impor limitações ao ambiente rural. Conforme Elvira D’Amorim (MORINGA, 2007, p. 84):

Altimar se apropria poeticamente: a criação de um teatro arbitrário. A partir disso é que ele vai chamar um volume contendo as peças Casamento de branco, Auto da cobiça, Auto de Maria mestra e Viva a Nau Catarineta, de teatro arbitrário, um “teatro poético, louco, épico” que nasceria da “aliança de Esquilo, Shakespeare e o Nordeste”.

A peça que é escrita dentro dos parâmetros e funções da comédia *Dell’Arte* que tinha a função de incomodar ao revelar satiricamente as mazelas da sociedade, impõe à personagem Benedito o exercício de seus ardis como forma de minimizar seus prejuízos e manter-se numa tentativa de sobrevivência. Altimar, apesar de trazer a estrutura da comédia *Dell’Arte*, perfila a personagem Benedito de forma contrária a dos pícaros espanhóis e das personagens da comédia em questão. Na comédia *Dell’Arte* elas são individualistas, na concepção de Altimar sua personagem é generosa com sua classe e sempre age dentro de valores coletivos; característica do malandro, apontada pelo crítico Antônio Cândido. A peça, que é uma comédia ambientada numa sociedade rural e popular, se desenrola no terreiro da fazenda do patrão tendo ao fundo a sala de estar da casa. Pelo cenário já se pode apontar que essa

comédia está comprometida com as questões de ordem e classe social. No terreiro transitam as personagens da classe trabalhadora, enquanto na sala de estar da casa, os patrões.

A estória se desenrola em um ato único, através da personagem Benedito, um negro, pobre e empregado da fazenda, esperto e que não aceita as injustiças sofridas pelos seus pares e tenta contrariar e subverter a ordem estabelecida naquela sociedade criando trapagens para minimizar os danos sofridos por sua classe. Benedito, astuto que é, consegue impedir o casamento de Jacira (filha do patrão) com Carlos Alberto (primo) contrariando a vontade de Doutor Formiga, seu patrão, expondo a autoridade deste ao ridículo. A esperteza de Benedito é uma das características que o aproxima das personagens do teatro de Plauto e de Molière. Porém, com um diferencial: as personagens de Plauto procuram agradar seu amo para não sofrer punições, já Benedito procura agradar a sua classe usando sua esperteza para resolver questões relacionadas às injustiças praticadas pelo patrão, e o deixando em situações embaraçosas. Por outro lado ele também se diferencia de Tartufo, personagem de Molière, uma vez que este apenas age para tirar proveito próprio, enquanto Benedito pensa socialmente.

Entre os demais personagens da estória quatro chamamos atenção: Porrote que também é empregado e que tenta agradar ao patrão. Porrote é preguiçoso para pensar e matador profissional. Ele é o oposto de Benedito. Maroca, embora diga que ter se deixado levar pelas astúcias de Benedito, também tem “personalidade forte” e procura dominá-lo fazendo-o cumprir com seus atos (assumindo a paternidade de seu filho, através do casamento). E as personagens, Carlos Alberto e Doutor Formiga, que pertencem à classe dominante, suas relações são puramente mantidas pelos interesses capitalistas, individual e desleal. Um exemplo é que Carlos mesmo falido economicamente e sobrinho do Doutor, ele se passa por rico para tentar herdar a herança do tio. Por outro lado, Doutor Formiga assegura o casamento de sua filha com Carlos Alberto para que a sua riqueza se mantenha na família, mesma contragosto da filha.

A peça do maceioense Altimar além de nos trazer uma grande semelhança da comédia *Dell'Arte*, também provoca uma inquietação e leva o público à reflexão, uma vez que contraria a ordem posta socialmente. Pimentel insere como protagonista um negro, sem procedência familiar, pobre, empregado de uma fazenda, com senso crítico aguçado e astucioso, que procura trapacear o patrão, dono da fazenda. Este por sua vez aparecendo em poucas cenas, tem uma autoridade vigorada por sua situação financeira.

Altimar centra-se nos costumes da época, criando e apontando em sua estória um tipo de sujeito satírico, formado pelas vivências cruéis e duras de uma realidade nordestina e brasileira. Sobre esse tipo se assemelham os comportamentos de malandro, ao qual denomino malandro rural.

## 1.2 A importância da personagem Benedito para o Teatro e a Literatura Dramática

A personagem Benedito reflete e expõe as mazelas sociais, denunciando através do riso o tipo de relações estabelecidas entre a ordem e a desordem naquela sociedade. Em vários momentos ele traz o riso ao público, provocando nos expectadores uma reflexão e um diálogo entre o posto em cena e o vivido por cada um, chegando ao ponto de transgredir as normas postas e levando o público a uma *Catarse Cômica*, ou melhor, *Catástase*. O público chega a um alívio e relaxamento que se manifesta em forma de riso. A *Catástase*, própria na comédia, tem o processo similar que a *Catarse* que é própria da tragédia, porém, o que diferencia é que a *Catarse* é a libertação da tensão pelo público, enquanto que na *Catástase* há um relaxamento. No livro *O riso subversivo* (2007), Otávio Cabral ao analisar o comportamento de João Rico<sup>3</sup>, que é uma situação semelhante ao da personagem Benedito, nos aponta:

Essa postura comportamental exibida por João Rico, que o deixa deslocado, diferente, fora de lugar perante a sociedade, incita as pessoas ao riso, até por que é um riso que provém de uma ação humana e, “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (BERGSON, 2001, p. 2) nem tampouco “saborearíamos a comicidade se nos sentíssemos isolados. Parece que o riso precisa de eco” (2001, p. 4). O riso depositado em João Rico necessita de fato de uma repercussão, um como que ribombar, para que surta seu efeito e se aguarde os resultados, não de imediato que essas questões não são resolvidas de um momento para outro, mas, quem sabe, a médio ou longo prazo, pelo princípio da repetição (2007. p. 44).

Logo depois, Cabral também esclarece sobre a *Catarse* (2007, p. 47):

A questão da *catarse* vem suscitando as mais variadas e distintas interpretações desde Aristóteles a Brecht. O que se observa então é o que, de uma maneira geral, a sensação de alívio por um lado, e a de “relaxação” por outro, conforme a interpretação de Nuñez para explicar a *catástase*, transitam invariavelmente pelo terreno aristotélico, mesmo que seja para rejeitá-la como no caso de Brecht.

Como já falamos anteriormente, a peça *Casamento de Branco* está centrada dentro dos padrões da comédia *Dell'arte* apesar de tratar de uma estória nordestina, onde as leis não são para todos. Benedito apresenta num teatro de raízes nordestinas, a exploração burguesa sobre a classe operária rural, fomentando uma reflexão sobre essas relações estabelecidas

---

<sup>3</sup> LEITE, Wolney; SOUZA, Gercino. *A História de João Rico*. Rio de Janeiro. SNT/MEC, 1996.

socialmente e expando a burguesia ao riso como uma forma de punição aos costumes sociais dessa época.

Para Cabral, (2007, p. 25):

O riso assume assim uma maior valoração da concepção de mundo, apresentando-se como uma das formas com que a verdade se manifesta na sua totalidade e onde o mundo é percebido, diferentemente através de perspectiva particulares e universais talvez mais importantes que as obtidas na seriedade.

Ainda semelhante aos seus aparentados ficcionais: João Grilo de Ariano Suassuna e Tartufo de Molière, a representação satírica de Benedito revela, através de suas astúcias, possibilidades de convivência social e formas de superação e de poder, nessa sociedade marcada pelo domínio ditador e burguês, em que ele não tem voz.

Na literatura dramática, Benedito que é originário dos contos populares e dos folhetos da literatura de cordel, traz a representação e o registro do povo nordestino e brasileiro que já nasce órfão (Benedito não tem família), e tenta sobreviver numa região desprovida de atenção dos poderes e aos excessos dos abusos da exploração. Benedito é jogado ao acaso da sorte que não tendo quem zele por ele, procura subterfúgios nas dificuldades do dia a dia, e na convivência dessa sociedade hostil. Com Benedito a literatura dramática de Altimar denuncia o sofrimento e as injustiças praticadas pelos poderosos dessa região como também chama atenção para os tipos de relações estabelecidas entre a ordem e a desordem social.

## 2. DIALÉTICA DA MALANDRAGEM DE ANTÔNIO CÂNDIDO

Antes de adentrarmos na apresentação do ensaio *Dialética da Malandragem* de Antônio Cândido, propriamente dita, gostaríamos de conceituar inicialmente os termos: dialética e malandragem.

De acordo com o dicionário *online*, dentre os variados significados para a palavra dialética (substantivo feminino), destacamos: 1) “processo de busca da verdade por meio da argumentação e/ou da discussão racional, tentando demonstrar alguma coisa”. 2) Filosofia: “metodologia utilizada para entender um objeto de estudo, sendo colocado novamente numa realidade não estagnada (histórica ou concreta)” (<https://www.dicio.com.br/dialetica/>).

Para Leandro Konder (1986), logo no início de seu livro “O que é Dialética”, na página 8, ele explica: “é o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação”. E ao finalizar o mesmo volume, Konder ainda enfatiza:

A dialética intranquiliza os comodistas, assusta os preconceituosos, perturba desagradavelmente os pragmáticos ou utilitários. Para os que assumem, consciente ou inconsciente, uma posição de compromisso com o modo de produção capitalista, a dialética é “subversiva”, porque demonstra que o capitalismo está sendo superado e incita a superá-lo. Para os revolucionários românticos de ultraesquerda, a dialética é um elemento complicador utilizado por intelectuais pedantes, um método que desmoraliza as fantasias irracionais, desmascara o voluntarismo e exige que as mediações do real sejam respeitadas pela ação revolucionária. Para os tecnocratas, que manipulam o comportamento humano (mesmo em nome do socialismo), a dialética é a teimosa rebelião daquilo que eles chamam de “fatores imponderáveis”: o resultado da insistência do ser humano em não ser tratado como uma máquina (1986, p. 86).

A palavra malandragem de acordo com o dicionário *online* é também um substantivo feminino que designa, dentre outros: 1) “qualidade de esperto, de quem é hábil, malicioso, ardil; malícia”. 2) “perspicácia e talento ao confrontar um inimigo ou adversário”. 3) “comportamento próprio do malandro, de quem gosta de viver de modo boêmio, sem trabalhar, malandrice” (<https://www.dicio.com.br/dialetica/>). Dessa forma, quando pensamos numa figura malandra logo visualizamos um indivíduo envolvido em roda de samba ou de jogo, ou de alguém que não gosta de trabalhar. Podemos lembra também de alguém que acreditamos “não querer nada com a vida”, ou ainda, aquele que ao nosso entender “não leva nada a sério”, que é irresponsável e que ninguém deve acreditar. Para exemplificar, citamos o

malandro, do musical “A Ópera do Malandro”, peça escrita por Chico Buarque de Holanda, em 1978 e dirigida por Luís Antonio Martinez Correa. Chico se inspirou nos clássicos: “Ópera dos três vinténs” de Bertolt Brecht e Kurt Weill e “A ópera dos Mendigos” de John Gay para apresentar o mundo da malandragem. Chico ambientou seu enredo tendo como pano de fundo na sua peça o submundo da prostituição, do jogo, da corrupção e do contrabando.

A partir dos conceitos apresentados acima já podemos entender que quando nos referimos à dialética da malandragem estamos nos referindo a um diálogo sobre o indivíduo considerado malandro. Estamos chamando atenção para um comportamento que é contraditório numa sociedade polarizada entre: patrão e empregado, opressor e oprimido, ordem e desordem.

O ensaio “Dialética da Malandragem” foi escrito pelo crítico literário e escritor Antônio Cândido e foi publicado em 1970 pela primeira vez numa revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - USP.

Em seu trabalho Antônio Cândido observa, diferencia e aponta, após análise da obra Memórias de um Sargento de Milícias do escritor Manuel Antônio de Almeida, qualidades de um ser malandro na literatura brasileira e por que não dizer, na sociedade brasileira. Conforme Antônio Cândido:

Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosférica cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil (1970, p. 71).

Antônio Cândido ao escrever seu ensaio da malandragem ele traz à tona a tradição crítica e reorganiza as ideias difundidas por: José Veríssimo em 1894, por Mário de Andrade em 1941 e por Darcy Damasceno em 1956. Ao se debruçar na análise do livro Memórias de um Sargento de Milícias, inevitavelmente ele faz uma análise materialista sobre os costumes da época fugindo da herança européia, isto é, espanhola. Ao contrário dos críticos anteriores, Antônio Cândido define Memórias de um Sargento de Milícias como sendo um romance tipicamente brasileiro. Porém, é a partir de sua análise que o romance toma um novo status, tendo a figura de um malandro como o foco principal.

Para entender o comportamento malandro, o autor do ensaio da Dialética da Malandragem lembra algumas situações históricas que possivelmente deram origem à figura em questão. Para ele, no Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, os indivíduos e grupos nunca tiveram uma grande preocupação com a ordem. Conforme Cândido (1970, p. 86):

No Brasil, nunca os grupos ou os indivíduos encontraram efetivamente tais formas; nunca tiveram a obsessão da ordem senão como princípio abstrato, nem da liberdade senão como capricho. As formas espontâneas da sociabilidade atuaram com o maior desafogo e por isso abrandaram os choques entre a norma e a conduta, tornando menos dramáticos os conflitos de consciência.

Já com o processo histórico americano desde o princípio houve uma educação constritora de norma e lei religiosa e civil que formou grupos e indivíduos, como destaca Cândido (1970, p. 86):

Esse endurecimento do grupo e dos indivíduos confere a ambos grande força de identidade e resistências; mas desumaniza as relações com os outros, sobretudo os indivíduos de outros grupos, que não pertencem a mesma lei e, portanto, podem ser manipulados ao bel-prazer. A alienação torna-se ao mesmo tempo marca de reprovação e castigo do réprobo; o duro modelo bíblico do povo eleito, justificando a sua brutalidade com os não eleitos, ou outros, reaparece nessas comunidades de leitores quotidianos da Bíblia. Ordem e liberdade – isto é, policiamentos internos e externos, direito de arbítrio e de ação violenta sobre o estranho – são formulações desse estado de coisas.

Para chegar à síntese dessa dialética, Cândido relaciona e faz distinções entre várias figuras de pícaros e de malandros. Sua crítica compreende: 1. Romance Picaresco, 2. Romance Malandro, 3. Romance Documentário, 4. Romance Representativo e, por fim, 5. O Mundo Sem Culpa.

Para Cândido o livro “Memórias de um Sargento de Milícias” de Manuel Antônio de Almeida foi elevado ao título de romance picaresco devido a uma grande difusão feita por Josué Montello ao observar a análise de Mário de Andrade, mas para ele seria interessante observar e comparar as características da personagem ao tipo de herói e anti-herói.

Para Antônio Cândido são as realidades duras e cruas da vida que vão quebrando com a ingenuidade do pícaro o tornando sem escrúpulos. O pícaro que é um ser amável, alegre e justo, diante das imposições difíceis da realidade social utiliza-se das maldades externas a ele como defesa para sobreviver nessa selva. A convivência nesse meio inóspito e as desgraças que a personagem passa, possibilita ao pícaro um amadurecimento favorecido pelo aprendizado e senso crítico da dura realidade do dia a dia. Segundo este autor, o malandro proveniente desse pícaro não deixa que essa realidade dura e cruel o transforme em egoísta, pelo contrário, ele é generoso com a sua classe. Aí reside a denominação de malandro para Antônio Cândido.

Por outro lado, para o antropólogo Roberto da Mata (1983, p. 204): “o malandro é um ser deslocado das regras formais da estrutura social, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás, definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e altamente individualizado, seja pelo modo de andar, falar ou vestir-se”.

## **2.1 A ordem e a desordem como determinantes do comportamento malandro**

Nos estudos de Antônio Cândido, um dos aspectos importantes da malandragem se refere à questão da ordem e da desordem. Cândido identifica a existência de uma dialética na sociedade brasileira na primeira metade do século XIX. Dentro da lógica capitalista essa dialética se perpetua até os dias atuais.

Para viver em sociedade é necessário criar regras de comportamento e leis claras que atenda a toda coletividade no sentido de estabelecer o que é certo e o que é errado, o que é legal e o que é ilegal, o que é proibido e o que não é proibido, objetivamente a igualdade, a liberdade e o direito e dever de todos. Porém, na realidade, com as mudanças sociais ao longo do tempo, além de outros fatores, as normas estabelecidas caducam fazendo crescer cada vez mais as desigualdades e a luta de classes e de poderes entre ordem e desordem.

Dessa maneira de um lado temos indivíduos que estão dentro da ordem, ou melhor, no exercício e gozo da lei, e por outro lado temos indivíduos que estão fora da ordem ou na desordem que são aqueles em que a lei não alcança, agindo à revelia, por conta própria e de maneira indisciplinar.

O malandro que Antônio Cândido prenuncia, vive entre a ordem e a desordem. Vive nessa corda bamba, transitando numa dualidade em prol da coletividade de sua classe, onde ele tenta sobreviver. Esse malandro não atinge a esfera da marginalidade (no sentido de ser nocivo), mas é movido por questões sociais que o levam a subverter as normas. De certa forma o malandro age um pouco como mola de propulsão social uma vez que ele promove reflexão e mudanças na sociedade.

### 3. DIÁLOGO ENTRE O COMPORTAMENTO DA PERSONAGEM BENEDITO COM A DIALÉTICA DA MALANDRAGEM: SEMELHANÇAS E DISTINÇÕES, O QUE APROXIMA E O QUE AFASTA

A peça possui um único ato e se inicia com um prólogo onde as personagens fazem parte de um coro que canta e dança juntamente com Benedito. Esse prólogo já deixa claro quem desencadeia as cenas da estória, quais os seus pensamentos, temperamentos, sentimentos e formas de agir. Na verdade esse prólogo já denuncia quem é Benedito. Todos estão no terreiro na frente da casa do doutor Formiga patrão de Benedito. E é neste cenário inicial e com essa cantiga que Benedito se apresenta e diz para que veio. Ele acompanhado pelo refrão do coro vai debulhando o seu colar de proezas comportamentais que, somadas a outras, entendemos lhe aferir a categoria de malandro. Conforme (PIMENTEL, 2003, p. 33):

BENEDITO – Voa, voa, gavião  
Nas caatingas do sertão!...

TODOS – Voa, voa gavião  
Nas caatingas do sertão.

BENEDITO – Quem sabe é mestre  
Quem não sabe é aprendiz,  
Nas voltas que o mundo dá  
Não rodei mais porque não quis.

TODOS – Voa, voa gavião  
Nas caatingas do sertão.

BENEDITO – Sou aprendido  
Nesse mundo interesseiro,  
Toco viola e sanfona,  
Zabumba, ganzá, pandeiro  
TODOS – Voa, voa gavião  
Nas caatingas do sertão

BENEDITO – Eu dei um giro  
Montado no pensamento  
Eu vi a aurora com raiva  
Dar uma surra no vento.

TODOS – Voa, voa gavião  
Nas caatingas do sertão

BENEDITO – Quando eu me zango  
Faço a terra estremecer,  
Descem coriscos do céu.  
Três dias faço chover.

É observado nesta cantiga que Benedito já se evidencia como protagonista deixando todos do coro como seus coadjuvantes. Entendemos que Benedito possui um forte estilo de

liderança entre os demais. Ao passo em que ele fala o verso se apresentando, todo o grupo apenas repete o verso iniciado por ele (“Voa, voa gavião/ Nas caatingas do sertão”).

Neste verso Benedito já se diz conhecedor de si, a classe social a que pertence, o seu temperamento, sua forma de agir e de pensar (“Quem sabe é mestre/ Quem não sabe é aprendiz,/ Nas voltas que o mundo dá/ Não rodei mais porque não quis”). E assim, sucessivamente segue a cantiga.

Na quinta estrofe, “/sou aprendido, nesse mundo interesseiro/” Benedito respalda as palavras de Antônio Cândido quando ele diz que o malandro vai se transformando com o tempo.

Ao deixarem o palco, as definições de Benedito continuam nos versos de Maroca e também enfatizados pelo refrão. Benedito é tão conhecedor de si e ao mesmo tempo não engana aos seus que também o conhece. Vejamos Pimentel(2003, p. 34-35):

MAROCA – Vejam Benedito

Como vem faceiro ( Bis )

- Por aqui não há

Um melhor vaqueiro ( Bis )

- Esse Benedito

É muito tihoso ( Bis )

- Pra enganar moça

Ele é manhoso ( Bis )

- Chegou Benedito

Dentro do terreiro! ( Bis )

-No mundo não tem

Outro mais arteiro ( Bis )

Nas características de comportamento e da personalidade de Benedito enfatizadas pelo “Bis” tratado na canção, cantada por Maroca (“faceiro”, “vaqueiro”, “tihoso”, “manhoso”, “arteiro”) aproximam Benedito da categoria malandro. Entendemos também que Benedito, por ser considerado malandro ele não é vagabundo, ele trabalha, ele é vaqueiro. Essas características cantadas por Maroca se assemelham às qualidades renunciadas por Antônio Cândido.

Benedito sempre se coloca à disposição de Maroca, embora também queira seduzi-la. Observamos aí duas características do malandro: 1) que ele é solidário com os pertencentes a sua classe e 2) é que ele é galanteador. Verificamos a cena a seguir (PIMENTEL, 2003, p. 36-37):

DOUTOR FORMIGA– (Voz, fora de cena) – Rosinha! Jacira!

MAROCA – Ih! Lá vem barulho! Benedito, depressa. Vá-se embora.

BENEDITO – Eu estou por aqui por perto, nêga. Qualquer coisa é só assobiar. – (Saí).

Em outro momento ele enfrenta Carlos Alberto em defesa da amada Maroca.  
(PIMENTEL, 2003, p. 39):

CARLOS ALBERTO – Limpou? Nem parece! Uma porcaria. Você é uma incompetente! Não sabe nem limpar um sapato! Isto aqui vai mudar. Depois do casamento eu vou botar ordem em tudo aqui.

BENEDITO – (Encara Carlos Alberto) – O que foi mesmo que o senhor disse de Maroca?

CARLOS ALBERTO – Ora, vá se catar! – (Atravessa o terreiro e sai).

BENEDITO – (Faz menção de ir atrás de Carlos Alberto para bater-lhe). – Ah que você não me conhece!

MAROCA – (Segura Benedito pelo braço) – Pra onde você vai? Está louco!

BENEDITO – Me solte! Me solte! Deixe eu dar um ensino nesse cara.

Comprovando suas definições cantadas no prólogo, principalmente no último verso já tratado por aqui: “/Quando eu me zango / Faço a terra estremecer/ Descem coriscos do céu/ Três dias faço chover”. As reações de Benedito são puramente justificadas diante das agressões verbais e humilhações insultadas por Alberto.

Mais uma situação em que Benedito revela a sua disposição para ajudar seus amigos, que conforme a dialética, o malandro age em prol da coletividade. (PIMENTEL, 2003, p. 39):

*Benedito vai saindo. Maroca o retém, segurando-lhe o braço.*

MAROCA – Não. Não é trabalho. É um aviso. Doutor Formiga vai mandar Porrote para o açude matar quem estiver pescando.

BENEDITO – Ele disse isso?

MAROCA – Agorinha mesmo.

BENEDITO – Vou lá avisar ao pessoal.

Em seguida, Benedito mais uma vez se descreve(PIMENTEL, idem):

BENEDITO – Ah, isso é que não.  
Para uns a vida é um fardo.  
Para mim é leve:  
Quem tenta me humilhar  
Recebe o troco em breve.  
Quem tem com que me pagar  
Por certo nada me deve.

Pode-se entender que há um sentimento de vingança nas palavras de Benedito, muito embora ele tenha consciência das injustiças sofridas e tenta apenas minimizar suas perdas dentro do que lhe é possível. Benedito vive muito bem dentro das leis de ação e reação nessa sociedade, mostrando-se adaptado a ela apesar de seus sofrimentos.

Benedito como um bom malandro, ele é sempre educado com as mulheres. Entendemos que a humildade aqui se passa apenas por um entendimento de respeito as suas patroas. Vejamos a rubrica (PIMENTEL, 2003, p. 40):

**Benedito** vai saindo e ao passar por Rosinha e Jacira tira o chapéu em gesto de cumprimento e humildade.

Mais uma vez Benedito comprova que não é alienado embora seja um *bon-vivant*, ele tem na forma descontraída e bem humorada um sentimento de classe ao encarar os problemas que lhe recai. Observamos na cantiga abaixo (PIMENTEL, 2003, p. 41-42):

BENEDITO – Todas cartilhas do mundo

CORO – Passarinho meu!  
- Sei de cor e salteado;  
- Passarinho meu!  
- E na escola da vida  
- Passarinho meu!  
- Fiz até o doutorado:  
- Passarinho meu!  
- Que o mundo é do mais sabido  
- Passarinho meu!  
- Eu sei disso decorado.  
- Passarinho meu!  
- Este mundo é uma bola  
- Passarinho meu!  
- E com ele eu vou jogar;  
- Passarinho meu!  
- A vida é sempre um risco  
- Passarinho meu!  
- Que eu tenho que enfrentar:  
- Passarinho meu!  
- Quanto maior perigo  
- Passarinho meu!  
- É mais gostoso ganhar.  
- Passarinho meu!  
- Para que correr na vida  
- Passarinho meu!  
- Se a morte é a certeza?  
- Passarinho meu!  
- Se o rio corre pro mar  
- Passarinho meu!  
- Não vou contra a correnteza  
- Passarinho meu!  
- Pois brigar contra a corrente  
- Passarinho meu!  
- Não é da minha natureza  
- Passarinho meu!

A personagem Paulo pede ajuda a Benedito para atrapalhar a realização do casamento de Alberto com Jacira, por quem ele é apaixonado. Ao ouvir Paulo, Benedito reconhece o amor existente entre Paulo e Jacira e, a injustiça que seria praticada contra os dois. Com isso Benedito procura ajudar o amigo (PIMENTEL, 2003, p. 43):

PAULO – E o que vamos fazer?

BENEDITO – Vou pensar num meio de desmascarar esse cara. Olhe seu Paulo, o senhor sempre foi meu amigo. E eu não sou de abandonar amigo na hora da dificuldade. E eu já estou enquizilado com esse doutorzinho aí metido a besta. Pode contar comigo e com Maroca.

PAULO – Eu acho que o melhor é eu ir falar diretamente com o pai dela.

BENEDITO – O senhor está louco! Ele é capaz de mandar um capanga lhe dar um tiro. A gente tem é que desmoralizar o noivo de dona Jacira.

Além disso, ele fazendo uso de suas astúcias procura armar um plano para realizar o sonho do amigo. Benedito sempre faz esse uso pensando coletivamente. O uso de sua esperteza é para defender seus iguais ou minimizar as injustiças sofridas. Quando vai consultar o Mané Raizeiro é na tentativa de encontrar uma solução para a não realização do casamento. (PIMENTEL, 2003, p. 44-46):

BENEDITO – E esse remédio tem gosto ruim?

MANÉ RAIZEIRO – Se botar na comida, não tem quem sinta. O gosto é bom e o efeito melhor. – (Sai)

BENEDITO – Aquele doutorzinho vai aprender a respeitar as pessoas. Quem mexe comigo não perde por esperar.  
Benedito canta

BENEDITO – Roda, roda, meu pinhão!  
Pelos caminhos do chão!  
Roda, Pinhão!

BENEDITO – Adão foi o pai de todos  
CORO – Roda, pinhão!  
- No início da criação  
- Roda, pinhão!  
- E deixou para alguns filhos  
- Roda, pinhão!  
- Tudo o que há pelo chão,  
- Roda, pinhão!  
- Outros foram deserdados  
- Roda, pinhão!  
- No testamento de Adão!  
- Roda pinhão  
- Roda, roda, meu pinhão,  
- Pelos caminhos do chão!  
- Roda, pinhão!  
- Para corrigir o erro

- Roda pinhão!
- Que pai Adão cometeu
- Roda pinhão!
- É preciso quem tem muito
- Roda pinhão!
- Me dar um pouco do seu:
- Roda, pinhão!
- O que é sobra para os outros
- Roda, pinhão!
- Está faltando no meu
- Roda, pinhão!
- Roda, pinhão!
- Roda, roda, meu pinhão!
- Pelos caminhos do chão!
- Roda, pinhão!
- Roubar dos pobres é crime
- Roda, pinhão!
- Cometido todo dia
- Roda pinhão
- E nunca vai pra cadeia
- Roda, pinhão!
- Quem faz essa covardia
- Roda, Pinhão!
- Como a justiça é cega
- Roda, pinhão!
- Da cega eu sou guia

Benedito conhece o mundo em que vive e justifica as suas astúcias como forma de justiça como bem se pode observar no coro cantado acima.

Nas estratégias de Altamar ao desatar o nó do enredo entra o riso que tem como objetivo expor a classe burguesa ao ridículo. A função da personagem Benedito na peça e no teatro se coaduna com a função das personagens da comédia *Dell'Arte*, trazer o riso para exposição da burguesia ao ridículo. O riso é provocado de maneira inevitável quando não podemos controlar a situação. Em analogia a essa situação podemos citar Bergson (2001, p.7):

Um homem, correndo pela rua, tropeça e cai: os transeuntes riem. Não ririam dele, acredito se fosse possível supor que de repente lhe deu na veneta de senta-se no chão. Riem porque ele se sentou no chão involuntariamente. Portanto, não é sua mudança brusca de atitude que provoca o riso, é o que há de involuntário na mudança, é o mau jeito. Talvez houvesse uma pedra no caminho. Teria sido preciso mudar o passo ou contornar o obstáculo. Mas por falta de flexibilidade, ou distração ou obstinação do corpo, por um efeito de rigidez ou de velocidade adquirida, os músculos continuaram realizando o mesmo movimento quando as circunstâncias exigiam outra coisa. Por isso o homem caiu, e disso riem os transeuntes.

No trecho da peça, a seguir, o que nos surpreende é que Benedito em defesa de seus iguais arrisca sua própria vida, conforme abaixo, revelando-se: solidário, corajoso, destemido. (PIMENTEL, 2003, p. 52):

MAROCA – Doutor formiga mandou Porrote meter bala em quem encontrar pescando no açude.

BENEDITO – Mas, não é possível uma coisa dessas! Eu vou resolver essa parada numa vez – (Sai)

MAROCA – Benedito tenha cuidado. Porrote é um assassino profissional. Ai, meu Deus! Dessa vez o tição se apaga! O que vai ser de mim e de meu filho

Mais adiante, de acordo com a rubrica, o plano de Benedito dá certo (PIMENTEL, 2003, p. 54):

*Entra Benedito, armado com um cacete, por trás de Porrote e dá-lhe forte pancada na cabeça fazendo-o cair no chão desmaiado...*

Benedito apenas o faz desmaiar, não praticando nenhuma morte ou crime, mas agindo em defesa de seus iguais. Seus atos são reflexos das injustiças. Ele não é marginal, nem bandido, apenas possui a consciência da exploração. Apesar de transitarem nas proximidades, existem diferenças entre eles, assim como no próprio mundo dos malandros. Numa análise semelhante entre Garcia e Malazartes, Cabral (2007, p.83) explica:

Essas semelhanças que se tenta estabelecer entre esses tipos “malandros” não são modelos matemáticos que se constroem de forma irretocável e vão se reproduzindo semelhantemente; na verdade, estamos tratando de tipos sociais que se assemelham sem serem iguais, são parentes, mas não são gêmeos, e se adaptam às mais variadas condições histórico-sociais, daí encontramos um Garcia que não é reprodução de Malazartes, nem de Macunaíma, mas se enquadra na categoria da malandragem pela vertente da esperteza e da sagacidade.

Dessa forma, observa-se que essas ações de Benedito sempre foram totalmente em defesa de seus iguais. Benedito age pensando na coletividade e numa tentativa de reduzir as perdas da exploração. Em seguida Benedito expulsa Porrote da fazenda, liberando a pesca para seus parceiros (PIMENTEL, 2003, p.55-56):

*Maroca sai pela passagem que conduz pelo interior da casa. A luz cai. Ascende-se um foco de luz sobre Benedito e Porrote. Benedito aponta um rifle para cabeça de Porrote que está caído no chão: Tira-lhe o revólver e o punhal e o expõe na cintura.*

BENEDITO – (Toca Porrote com o cano do rifle) – vamos, rapaz, lembra!  
Eu não posso ficar o dia todo tomando conta de você. Lembra!

PORROTE – (Senta-se com dificuldade, segurando a cabeça com as mãos) Ai!  
Minha cabeça – (Vê Benedito apontando-lhe o rifle) – Não. Não atire! Por favor, não atire.

BENEDITO – Olhe aqui, cabra. Você vá-se embora daqui e não volte nunca mais.  
PORROTE – Sim, senhor. Eu vou. Eu vou – (Ergue-se com dificuldade).

BENEDITO – Rápido! – (Dá um tiro para o ar)

Finalizando, Benedito mais uma vez confirma sua visão crítica e pertencimento de classe, em suas palavras: “/ Isso é coisa de branco /”. Não se comprometendo com o que não é

de seu interesse e agindo apenas em prol de seus iguais. Nas palavras de Benedito também entendemos uma crítica à burguesia, suspeitando que ela não é tão correta o quanto ditam e mandam a ordem ( PIMENTEL,2003, p.60 )

BENEDITO – Pra onde você vai, Maroca?

MAROCA – Procurar dona Jacira com dona Rosinha.

BENEDITO – Deixe isso pra lá. Quem perdeu que procure. Você não perdeu nada, não tem nada a procurar. – (Ri) – O noivo está no hospital com caganeira, a noiva fugiu. Conclusão: não vai haver casamento.

MAROCA – E você fica contente com uma coisa dessa!

BENEDITO – Claro, nega, enquanto eles estão preocupados com um casamento que não vai haver, se esquecem da gente – (Envolve Maroca) – Isso é coisa de branco. Vamos nos divertir, nega!

Quando pensamos em um personagem malandro, logo imaginamos alguém que aos olhos dos outros “não quer nada com a vida”, asseguramos aqui que essa visão não recai sobre Benedito. Benedito é crítico e quer sobreviver nessa sociedade tão desigual. Ele reconhece seu lugar de fala, embora não tenha pretensões de mudar o mundo. Também podemos entender ao pensar em alguém malandro que essa pessoa não trabalha. Nesse sentido, Benedito tem trabalho e garante seu sustento. Outra forma de julgar o malandro é imaginar que ele não segue as normas sociais. Benedito segue, embora tente sabotar aquelas ordens injustas e que subordina a ele e aos seus parceiros.

O que aqui apresentamos é apenas uma possibilidade de análise do comportamento de Benedito, da obra de Pimentel a partir de fragmentos da Dialética de Antônio Cândido. A dialética é um extenso e profundo ensaio para se entender as contradições de como se estabelece a ordem e a desordem no mundo capitalista. Nele há vários itens para a interpretação e constatação da subalternidade dos menos favorecidos nessa sociedade aqui apresentada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância desta pesquisa, que teve como *corpus* a análise do: “Comportamento malandro como estratégia de sobrevivência: observações da personagem Benedito na peça Casamento de Branco de Altimar de Alencar Pimentel” se dar por algumas pistas indicadas anteriormente neste texto e subsidia a compreensão das nuances da personagem dentro da literatura dramática.

Ao nos debruçarmos à vida e obra de Altimar de Alencar Pimentel entendemos sua valorosa contribuição ao teatro, não apenas, ao teatro de raízes nordestinas, mas também a literatura dramática nacional, pelos inúmeros méritos recebidos no Brasil, como também por sua imagem difundida e estudada no exterior.

O ensaio “Dialética da Malandragem” de Antônio Cândido, trouxe subsídios para compreensão do tipo malandro brasileiro, em aproximação ao nosso objeto de pesquisa. Através da personagem Benedito, da obra Casamento de Branco, de Altimar de Alencar Pimentel, encontramos elementos para constatar o tipo de personagem apresentada por Antônio Cândido em seu ensaio. O que aproxima nossa análise daquela tratada no texto de Antônio Cândido evidencia-se exatamente pela compreensão desse comportamento malandro frente às adversidades sociais.

No estudo de Antônio Cândido ele percorrer de maneira geral sobre o tipo de malandro na obra Memórias de um Sargento de Milícias de Manuel Antonio de Almeida, em nossa pesquisa nos atentamos à compreensão da personagem Benedito da obra de Altimar Pimentel.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983.

CABRAL, Otávio. **O riso subversivo**. Maceió: EDUFAL, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Dialética da malandragem**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros [s. l], n. 8, p. 67-89, 1970. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638>. Acesso em: 16 set. 2021.

**DICIO**. Dicionário *Online* de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dialetica/> Acesso em: 04 fev. 2022.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 15ª. Edição, São Paulo: Brasiliense, 1986.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**. 4ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

PIMENTEL, Altimar Alencar. **Casamento de branco**. In: O Teatro de Raízes Populares I. João Pessoa: Edição do autor, 2003, p. 7-61.

**REVISTA MORINGA**: teatro e dança. Ano 2, n. 3, dez 2007. Editora da Universidade Federal da Paraíba.

**ANEXO:**

1. PEÇA CASAMENTO DE BRANCO – ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL

[https://drive.google.com/drive/folders/1KsXLwrA8r1ZSt9IDF59RfFT\\_5TnNNIOE?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1KsXLwrA8r1ZSt9IDF59RfFT_5TnNNIOE?usp=sharing)